Foice e Martelo

www.marxismo.org.br

24 de Novembro de 2016 • Nº 99 • R$ 3,00 • Jornal da Esquerda Marxista - Seção brasileira da Corrente Marxista Internacional

"A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES." (KARL MARX)

A mentira da "preparação" da greve geral

PÁG 3

Enem 2016, ocupações e resistência

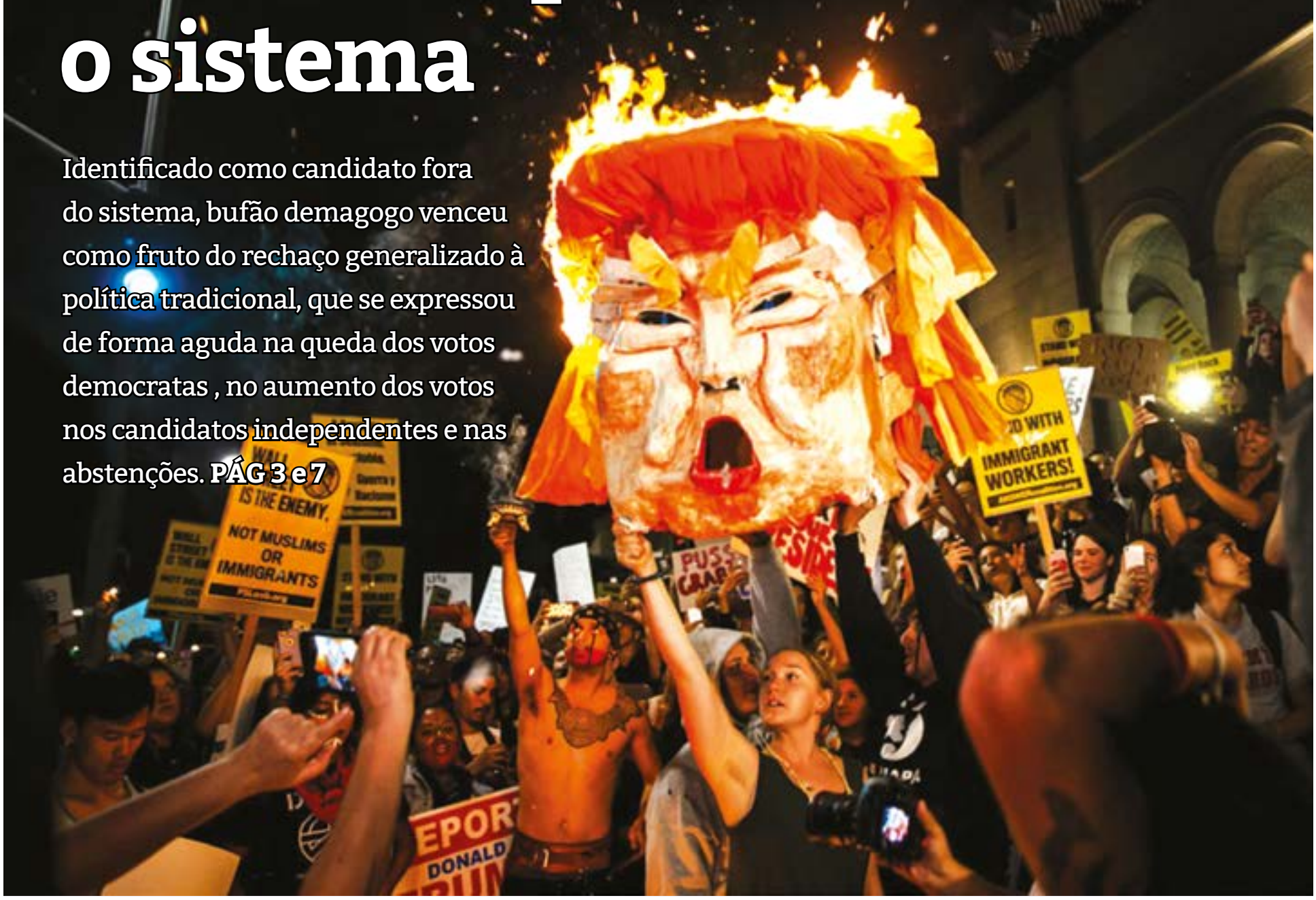
PÁG 4

Steve Biko: racismo, classe e capitalismo

PÁG 6

Trump: mais um terremoto para o sistema

Identificado como candidato fora do sistema, bufão demagogo venceu como fruto do rechaço generalizado à política tradicional, que se expressou de forma aguda na queda dos votos democratas , no aumento dos votos nos candidatos independentes e nas abstenções. **PÁG 3 e 7**



Manifestações de massa ocorrem no centro do capitalismo, com a juventude à frente em várias importantes cidades do país, para rechaçar o presidente que assume a Casa Branca em janeiro de 2017

Assine um jornal proletário e independente

Foice Martelo

Análises marxistas sobre os temas atuais, sempre voltadas ao interesse da classe trabalhadora.

Acesse www.livrariamarxista.com.br ou www.marxismo.org.br e assine!

10 edições R$30 | 15 edições R$45 | 20 edições R$60 | 40 edições R$120

Quem Somos

A Esquerda Marxista (EM) é uma organização revolucionária de luta pelo socialismo.

Como seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (CMI), participamos em todo o mundo da luta pela abolição do capitalismo e pela República Socialista Universal dos Conselhos.

Lutamos contra a colaboração de classes dos reformistas. Mas, nada temos a ver com os ultraesquerdistas que se dedicam ao divisionismo e ao denuncismo impotente.

Nós lutamos pela unidade e pela independência política da classe trabalhadora. Nosso objetivo é ajudar os trabalhadores e a juventude revolucionária a construir um partido operário revolucionário e socialista de massas.

A Esquerda Marxista dirigiu as ocupações de fábricas no Brasil lutando por sua estatização sob controle dos trabalhadores. Lutamos por Transporte, Saúde e Educação Públicos e gratuitos para todos. Pela reestatização de tudo o que foi privatizado, contra a criminalização dos movimentos e organizações dos trabalhadores, em defesa das conquistas e reivindicações da classe trabalhadora e da juventude. O capitalismo e seus partidos são nossos inimigos. Lutamos pela revolução e pelo socialismo.

A nova edição da revista América Socialista acaba de ser lançada! O texto que a abre, de Serge Goulart, faz um balanço do desenvolvimento da situação política no Brasil desde as Jornadas de 2013. Em seguida, o texto da seção da Corrente Marxista Internacional na Argentina, apresenta análise dos primeiros meses de governo de Maurício Macri. No terceiro texto, Andreas Maia retoma os clássicos do marxismo e as experiências históricas para defender a necessidade da construção do partido operário revolucionário. Já Ubaldo Oropeza escreve sobre a visita de Obama a Cuba, o VII Congresso do Partido Comunista de Cuba e os perigos de restauração do capitalismo que rondam a ilha. No artigo "As revoluções chinesas", o camarada Alex Minoru aborda as tradições revolucionárias do povo chinês. A revista segue com o interessante artigo sobre a pouco conhecida Guerra do Contestado, a maior guerra camponesa da América do Sul, ocorrida na região da fronteira entre Paraná e Santa Catarina. O artigo de David Rey trata da revolução espanhola e suas ricas lições para a luta dos revolucionários nos dias de hoje. Por fim, a segunda parte da "Plataforma Política de Luta pela Emancipação da Mulher Trabalhadora", formulada pela Comissão de Mulheres da Esquerda Marxista, traz a concepção marxista para o combate à opressão ao sexo feminino. Esta revista é a campanha financeira da Esquerda Marxista de fim de ano. Adquira a sua pelo site da Livraria Marxista ou com nossos militantes!

POLÊMICA

Campanha não defende Lula nem os trabalhadores

FRANCINE HELLMANN
hellmann.francine@gmail.com

Uma campanha denominada "Por um Brasil justo pra todos e pra Lula" foi lançada em 10 de novembro em São Paulo. De acordo com o manifesto do movimento, "*hoje no Brasil, defender o direito de Lula à presunção da inocência, à ampla defesa e a um juízo imparcial é defender a democracia e o estado de direito. É defender a liberdade, os direitos e a cidadania de todos os brasileiros*".

Não é de se impressionar. Mesmo à beira do precipício político, Lula continua bradando pela defesa das atuais instituições políticas. Uma opção feita há tempo, quando deixou de acreditar na força dos trabalhadores.

Lula tem realmente sido perseguido pela burguesia. Após o impeachment, enterrar politicamente o ex-presidente é o próximo objetivo no jogo pelo poder. Ocorre que o pior crime de Lula foi ter ajudado a destruir, através das alianças com a burguesia e adotando os seus métodos, o maior instrumento político já construído pelos trabalhadores brasileiros, o PT, e por ter repetidas vezes usado de sua influência para conter revoltas que poderiam ter mudado a história do país e da humanidade.

Até o momento, a campanha "Por um Brasil justo pra todos e pra Lula" é inútil. Anos de colaboração de classe, burocratização e traição dos governos Dilma e Lula não serão esquecidos facilmente. Não será em defesa de Lula, de Dilma, do PT e do estado democrático de direito que os trabalhadores se moverão, mas, sim, em defesa de seus direitos e conquistas. Se quisesse o apoio dos trabalhadores, o primeiro passo de Lula deveria ser romper com a burguesia e colocar-se na luta contra os ataques de Temer e do Congresso Nacional. No entanto, como essa campanha demonstra, o que segue é a submissão ao capitalismo.

Lançamento da campanha reuniu reformistas próximos ao ex-presidente

Foice Martelo

CONSELHO DE REDAÇÃO
Serge Goulart, Alex Minoru, Johannes Halter e Riobaldo Tartarana.

EDITOR
Johannes Halter

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Rafael Prata MTB nº 40040/SP

DIAGRAMADOR
Evandro Colzani

jornal@marxismo.org.br
www.marxismo.org.br

Rua Tabatinguera, 318, Centro
São Paulo/SP - CEP: 01020-000
Fone: (11) 3101-8810

EDITORIAL

Vitória de Trump: mais um terremoto para o sistema

ESQUERDA MARXISTA
jornal@marxismo.org.br

A crise do capitalismo tem provocado seguidos terremotos políticos. Em junho, a vitória no referendo da saída da Grã-Bretanha da União Europeia, o "Brexit". Agora, do outro lado do Atlântico: a vitória de Donald Trump para a presidência dos EUA.

A vitória deste bufão demagogo é fruto do rechaço generalizado à política tradicional, ao "estabilishment", à farra de Wall Street. Hillary Clinton era a representante mais visível desse setor. Enquanto Trump, contraditoriamente, foi identificado como um candidato de fora do sistema.

Mas o resultado não significou um aumento de votos nos republicanos. Enquanto Mitt Romney teve 60.932.152 votos em 2012, Trump teve 60.834.437 votos neste ano.

Os democratas, sim, perderam muitos votos, 7,6 milhões entre 2008 e 2016. Em especial daqueles que tiveram frustradas suas esperanças de que Obama faria algo de progressista como primeiro presidente negro e com um discurso de mudança.

Nestas eleições, aproximadamente 121 milhões de pessoas, 46,6% dos eleitores, não foram votar. Ou seja, quase metade recusou-se a escolher entre as duas faces da burguesia imperialista: democratas e republicanos.

Vale notar ainda que houve uma elevação significativa em votos nos candidatos de fora desse bipartidarismo. Em 2008, candidatos independentes e de outros partidos receberam 1.767.575 votos, em 2012, 2.093.550 votos, e em 2016, 6.379.990.

Uma parcela dos eleitores de Trump são trabalhadores desesperados com a crise, levados pela promessa de que a economia norte-americana e suas indústrias seriam reavivadas com ações protecionistas. Esses irão desfazer suas ilusões rapidamente, diante da impossibilidade do novo presidente de resolver os problemas econômicos dentro dos marcos do capitalismo.

A vitória do reacionário Trump joga mais combustível no acirramento da luta de classes nos EUA. Logo após a confirmação do resultado, manifestações massivas, com forte participação da juventude, tomaram as principais cidades do país. Em algumas manifestações uma das palavras de ordem mais ouvidas era "*Nossa solução, revolução!*".

É essencial recordar também como a situação convulsiva se expressou no início do ano no apoio massivo à campanha de Bernie Sanders, candidato que se apresentava como "socialista" nas primárias do Partido Democrata, defendendo uma "revolução política". Outra coisa foi sua capitulação e o apoio à Hillary.

O que vimos com o movimento Occupy Wall Street em 2011, com a ocupação do Capitólio de Wisconsin, com as manifestações contra a violência policial e o racismo e no apoio massivo a Sanders, vai seguir se intensificando com o odiado Trump na presidência.

Todo esse desenvolvimento nos EUA tem relação direta com a situação política mundial, incluindo a situação no Brasil, como demonstramos em nossas análises sobre o resultado das eleições municipais deste ano.

Manifestações contrárias ao presidente eleito abalam sociedade dos EUA

O que, sim, cresce nos EUA, no Brasil e no mundo é a polarização social. Incluindo o fato de setores da extrema direita se sentirem mais a vontade para defender suas posições reacionárias.

Nos EUA, tal fenômeno foi visto no incentivo dado pela campanha de Trump para a propagação de milícias que estariam dispostas a ir à guerra para defendê-lo, caso ele saísse derrotado nas eleições. Esses são grupos protofascistas que devem ser combatidos pelo movimento operário.

Mas, hoje, é preciso dizer claramente que o conservadorismo não está tomando as massas no mundo, muito menos o fascismo. O que segue se aprofundando é a falência do reformismo, como o PT no Brasil e os partidos socialdemocratas na Europa. Ao mesmo tempo, vemos as seguidas demonstrações de disposição de luta da juventude e dos trabalhadores ao redor do mundo, apesar dos freios impostos pelas direções. Essa situação foi expressa na busca pelas massas por novas alternativas políticas à esquerda. Pequenas fagulhas podem desatar explosões revolucionárias em nível global.

A CMI, nos EUA, no Brasil e no mundo, está na batalha para construir uma saída revolucionária e socialista para a crise internacional deste sistema decadente. Junte-se a nós!

NACIONAL

"Esquenta", "trancaços" e muita confusão

ULRICH BEATHALTER
prof.ulrich@hotmail.com

O balanço da CUT mostra claramente que o "*Dia Nacional de Greve e Paralisação*", chamado pelas centrais sindicais para o último dia 11, foi somente de reduzidas manifestações. Em São Paulo, menos de 5 mil pessoas se reuniram na Praça da Sé. Além disso, o texto deixa claro que o seu alvo não são os ataques de Temer contra os trabalhadores, mas a defesa de Lula. A matéria de balanço publicada no site da CUT traz uma lista de panfletagens, "*trancaços*", bloqueios de vias, marchas e passeatas. Greve mesmo, nenhuma.

Anos de burocratização, de acordos a portas fechadas com os patrões, de colaboração com os planos e interesses das empresas, de primeiros de maio de shows, apoio incondicional aos governos Lula e Dilma, de manipular milhões de reais nos sindicatos, reduziram brutalmente a autoridade política e a capacidade de mobilização da central e de seus sindicatos, que preferem, majoritariamente, o tripartismo à luta de classes.

Mais duas matérias no site da central: "*Atos jogaram pressão sobre Temer e os golpistas, diz Vagner Freitas*" e "*No dia de Greve e Paralisações, Avenida Paulista é palco contra golpistas*". Substituiu-se a luta contra os ataques aos direitos pela tentativa de combater o impeachment de Dilma, o chamado "golpe". No topo da página, está estampado um banner com a imagem de Lula. Depois, o chamado "*O mundo está vendo*", seguido do apelo: "*inclua seu nome para também ficar ao lado do Lula*".

Na avaliação do presidente da CUT, "*a sociedade brasileira já entendeu o erro do impeachment e o país precisa voltar à normalidade*". Para Vagner Freitas, "*voltar à normalidade*" significa a convocação de eleições, com a esperança de Lula se eleger e todos os problemas da crise econômica do sistema capitalista mundial desaparecerem. Uma avaliação covarde e ilusória. Transfere o papel da classe trabalhadora para o dirigente que aliou-se às forças reacionárias e traiu os trabalhadores. Aliás, Lula, se deseja o apoio da classe, deveria começar rechaçando a política de colaboração de classes que defendeu e aplicou e colocar-se à frente da luta contra o governo Temer.

Já Sérgio Nobre, secretário-geral da CUT, afirmara ao Estadão que "*ninguém quer fazer greve*". Faltou dizer que a direção da CUT também não mobiliza nenhuma greve na base. Passado o dia 11, nenhuma grande chamada para o dia 25, antes convocado como continuidade do acúmulo de forças para a Greve Geral. Em vez disso, uma matéria publicada em 16/11 chama para o Dia Nacional de Lutas em 29 de novembro - data de votação em primeiro turno da PEC 55 no Senado. E se resume a um texto no site. A preparação da Greve Geral é uma farsa.

Enquanto os dirigentes cutistas titubeiam e desconversam, outras centrais minoritárias e autoproclamadas revolucionárias limitam-se a firmes manifestos. Ninguém com autoridade para provocar um levante dos batalhões da classe trabalhadora.

Essa situação não vai perdurar. A juventude reage mais rapidamente à necessidade de organizar e lutar contra o sistema. Aos poucos, em cada local de trabalho, mais e mais trabalhadores despertam para a situação concreta. A Nova República se esfacela. As organizações tradicionais desmoronam. As velhas direções já não têm mais autoridade.

A Esquerda Marxista está no combate aos ataques do governo e do Congresso Nacional, em defesa dos direitos e conquistas da classe trabalhadora, explicando o significado das medidas apresentadas por Temer e a necessidade da unidade, organização, mobilização e da luta de massas para derrotar as contrarreformas e abrir o caminho para abolir o regime da propriedade privada dos meios de produção, para a construção do socialismo.

EDUCAÇÃO

O que o Enem 2016 revela para quem quer ir à raíz dos problemas educacionais do Brasil?

DAISON COLZANI
daisonroberto@gmail.com

Passados quase 20 anos desde sua primeira edição, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) está muito diferente da ideia inicial. Desde 2004, o exame foi transformado em um grande vestibular. A partir do resultado alcançado é possível acessar vagas em universidades públicas e bolsas nas privadas. Se antes seu único sentido era a avaliação do ensino médio, agora ele é fundamental aos que não podem pagar as altas mensalidades nas privadas e querem acesso à educação superior.

Com isso, o Enem nos governos Lula/Dilma foi transformado na ferramenta de propaganda da suposta "democratização" da educação superior no Brasil. Nada mais falso. Assim como as cotas sociais e raciais, o exame apenas divide as poucas vagas de graduação. Mesmo na rede privada de ensino não houve ampliação significativa, mas o preenchimento das vagas ociosas.

A realidade do ensino superior no Brasil é caótica. Menos de 20% dos jovens entre 18 e 24 anos estão matriculados no ensino superior. A imensa maioria desses jovens está no ensino privado e se mantém através de bolsas de estudo ou financiamento estudantil. Educação superior pública cada vez mais restrita, pela imensa dificuldade para seu acesso, mas também pela falta de condições de permanência estudantil.

Em 2016, cerca de 9,2 milhões se inscreveram no Enem. Desses, aproximadamente 8,3 milhões pagaram a taxa ou conseguiram a isenção e apenas 5,8 milhões fizeram a prova, a maior abstenção desde 2009. Esse fenômeno acontece todos os anos. No entanto, à medida que fica claro que o acesso a universidade é cada vez mais difícil, a não participação ficará cada vez maior.

Alardeado como instrumento de expansão do acesso à educação, Enem perpetua lógica de funil do vestibular brasileiro

O papel das entidades estudantis

Nesse cenário, a União Nacional dos Estudantes (UNE) e União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) prestaram um contra serviço aos estudantes e ao movimento estudantil ao apoiar cegamente as medidas de Lula e Dilma. O resultado é que as pequenas medidas que foram aplicadas durante o governo do PT já vinham sendo reduzidas por Dilma. Temer continua e acelera o processo, vide o caso Fies. O castelo de cartas construído sob a base do Prouni e do Fies começa a desmoronar.

O fato é que a realidade do ensino superior pouco mudou e a defesa dessas "meias" medidas jogou contra a luta por ampliação de vagas e por permanência estudantil. O que se viu foi o crescente sucateamento das universidades públicas enquanto os tubarões do ensino seguiam engordando suas contas com dinheiro público. A relação promiscua entre UNE/Ubes e o Governo Federal significou um atraso para as lutas estudantis e a galopante perda de prestigio dessas entidades nacionais na sua base.

O que queremos?

Educação pública, gratuita e para todos. Essa é nossa batalha. Abaixo o Enem e qualquer prova que sirva para definir quem pode estudar. Dinheiro para educação para todos existe. Ano após ano centelhas de milhares de reais são despejados no bolso dos banqueiros com o pagamento dos juros da dívida pública. Uma parcela desse dinheiro seria mais que suficiente para garantir educação para todos em todos os níveis. Queremos a melhoria da educação básica, fundamental e média. Exigimos que "universidade para todos" não seja apenas o nome de um programa fajuto, mas a realidade de cada jovem.

Prouni e Fies sustentaram o ensino privado, enquanto maioria ficou fora da universidade

LUCY DIAS
dlucy.1917@gmail.com

O Estado brasileiro, nos últimos 13 anos, buscou aplicar políticas para alinhar os interesses antagônicos dos setores explorados e daqueles mais poderosos. É possível fazer essas políticas se existem reservas ou emitindo moeda para financiamento e abrir espaço para o capital privado entrar. Com a crise, falta de reservas públicas, altas taxas de dívida pública, inflação, essa opção infalivelmente se esgota. É o que temos visto. Aumento da taxa de inscrição, em 2015, para participar do Enem, e agora, corte da oferta de bolsas integrais do Prouni.

É verdade, houve expansão da oferta de bolsas concedidas pelo Prouni desde 2005, exceto em 2010 e em 2013. Mas o que temos que pensar não é na evolução da oferta, isso é o que a "tentativa keynesiana" gosta de exibir em sua vitrine. O que importa para nós é se essa oferta conseguiu absorver a demanda de inscritos.

E isso não é difícil de provar que não ocorreu: em 2015 foram ofertadas 213.113 bolsas entre parciais e integrais. Sendo que o número de inscritos foi de 1.523.878. Cada estudante teria que eliminar outros sete para poder conseguir sua vaga! Outra questão que devemos enfrentar é a escolha do governo petista em financiar esses programas ao invés de abrir novas vagas públicas. Trata-se de uma opção política que favorece o ensino privado, os empresários e grupos educacionais, ao invés de enfrentar esses interesses em favor da universalização de direitos.

Essa opção política impediu que todos os jovens pudessem ter acesso ao Ensino Superior.

Crescimento do ensino privado nos governos Lula e Dilma deu-se com dinheiro privado

JUVENTUDE

A unidade e a organização secundaristas após o movimento ocupações

JOÃO DIEGO LEITE
jornal@marxismo.org.br

As medidas propostas pelo governo Michel Temer, como a PEC 55 e a Reforma do Ensino Médio, foram as grandes impulsionadoras do movimento de ocupações no Paraná. O pacote de maldades de Temer explodiu a revolta e a indignação de muitos secundaristas no estado. Ao todo, mais de 800 colégios estaduais foram ocupados, o maior movimento de ocupações do país. Esse movimento foi impulsionado principalmente pelos estudantes mais politizados, mais organizados e dispostos, "a vanguarda secundarista".

Apesar de em algumas escolas eles realizarem assembleias e em outras os grêmios tomarem atitude, em grande parte foi um grupo estudantil que entrou na escola, a ocupou, passou o tempo dentro da escola e impulsionou o movimento. Sempre que descolados das massas estudantis, esses grupos ficavam vulneráveis às pressões do governo, da mídia burguesa, do Judiciário, da polícia e até de grupos radicais de direita. Contudo, diante da sabotagem das direções estudantis oportunistas, o movimento teve dificuldades a mais para superar esse vanguardismo isolacionista.

Essa "radicalização" dos secundaristas surge em um momento de repressão dos governos, no qual muitas escolas, mesmo com diretores eleitos, não concedem voz aos alunos. Os estudantes não se sentem livres e o ambiente escolar é muitas vezes hostil. Diante da impossibilidade de discutir ou serem ouvidos, o movimento de ocupação foi uma forma de exigir diálogo. A tomada das instituições de ensino e a abertura do espaço com palestras, atividades culturais e oficinas foi uma grande experiência política para a juventude. Mesmo não conseguindo fazer o governo Temer recuar nem alastrar as ocupações pelo resto do país como queriam, os secundaristas tiveram uma grande vitória: a unidade e a organização estudantil.

A luta contra o governo Temer criou um laço entre os secundaristas. E isso precisa se expandir para todos aqueles que ficaram alheios às ocupações, para envolvelos, educá-los e incorporá-los aos futuros movimentos de resistência. Após as ocupações, os estudantes não podem aceitar a tutela do governo sobre o movimento estudantil. Não deve haver professor, nem diretor, nem governador que dite como será a organização estudantil. Cada grêmio construído deve ser um ponto de organização e resistência.

Em Curitiba, os estudantes acabam de formar o Coletivo Autônomo de Organização Secundarista (Caos). Esse movimento pretende ser um ponto de impulsão das lutas estudantis de forma independente.

A principal tarefa do Caos é chamar a unidade dos grêmios existentes e construir outros. O coletivo precisa ser um grande impulsionador das lutas estudantis, que se dirijam às massas estudantis, para envolve-las. Eles precisam combater as direções oportunistas da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), dirigida pela União da Juventude Socialista (UJS). Precisam tomar essa entidade para os estudantes de todo o Brasil.

Uma nova primavera secundarista só poderá ser vitoriosa e alcançar a derrubada dos inimigos da educação se tiver a máxima organização e unidade entre os secundaristas, entre a vanguarda que desponta, e as massas que precisam ser incorporadas ao movimento. É preciso que o movimento esteja pronto e o Caos pode desempenhar o papel de preparar os militantes e ativistas que irão organizar os grêmios e as escolas para as próximas mobilizações.

Movimento envolveu toda uma camada de jovens, que quer resistir e lutar

Ativistas secundaristas precisam enfrentar direções estudantis oportunistas

A greve nacional da educação pode barrar a Reforma do Ensino Médio e a PEC de Temer

PEDRO BERNARDES
pedrobernardesneto@gmail.com

O Governo Temer, desde antes de sua nomeação oficial, apesar de sua clara fragilidade, desfere ataque sobre ataque contra a classe trabalhadora. Não poderia ser diferente, ele só está ali para isso. É nesse sentido que a Reforma do Ensino Médio e a PEC 55 (antiga PEC 241) são pautadas ainda este ano como medidas que significarão o desmonte da escola e da saúde públicas no Brasil.

Em contrapartida aos ataques, vemos o maior movimento de ocupação de escolas da história do Brasil, mais de mil escolas (de acordo com a UNE) e mais de 100 universidades ou estão ocupadas ou decretaram greve geral de estudantes e trabalhadores da educação. O Governo Temer é frágil e já recuou de aprovar a reforma da Previdência ainda este ano. Contudo, pressionado pela burguesia, tenta empurrar goela abaixo a PEC 55 e a Reforma do Ensino Médio.

Ao contrário do que muitos afirmam, não vivemos uma onda conservadora no Brasil e nem no mundo e, sim, uma intensa polarização da luta de classes. A classe trabalhadora e a juventude não se sentem derrotadas, exatamente o oposto disso. Há resistência e luta. Porém, não são ações vanguardistas com fechamentos isolados de rodovias que resultarão em novo recuo de Temer ou mesmo em sua queda.

É preciso um incessante trabalho de base, esclarecimento de professores e jovens de todo o Brasil sobre a necessidade de luta da classe trabalhadora contra os ataques de Temer. Para isso, neste momento, considerando o fato que é o afluxo dos trabalhadores e da juventude contra a Reforma do Ensino Médio e a PEC 241, entendemos que devemos propor que a CNTE, a UNE e a Ubes convoquem todas as entidades estudantis e os sindicatos ligados à educação para a construção da Greve Nacional da Educação. A APP Curitiba Norte e a subsede Oeste-Lapa da Apeoesp já aprovaram moções pela greve geral, além de muitas escolas em todo Brasil.

Mobilizações precisam envolver as massas em outro nível de luta

Urge a unificação deste movimento em uma greve nacional dos trabalhadores da educação e estudantes contra a Reforma do Ensino Médio e a PEC55!

FORMAÇÃO

20 de Novembro e o legado de Steve Biko

JOSÉ CARLOS MIRANDA
zcm4@hotmail.com

Já se vão 321 anos da derrota do Quilombo dos Palmares e o assassinato de Zumbi. A heroica resistência à exploração e à opressão do sistema colonial é fonte de inspiração da luta contra a escravidão e símbolo das lutas por liberdade e igualdade do povo brasileiro. O dia 20 de novembro deve ser um dia de luta e reflexão de todos os trabalhadores, independentemente da cor da sua pele.

O racismo é uma ideologia criada pelo capitalismo com o objetivo de justificar exploração e opressão inaceitáveis. Após o novo contrato social da grande Revolução Francesa e seus slogans de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, como justificar seres humanos sendo mercadorias e, ao mesmo tempo, dividir o proletariado para que os capitalistas explorem mais a todos? A base fundamental do racismo está nas absurdas e obsoletas teorias de que os seres humanos se dividem em raças.

Estas teorias, já no século 20, formaram a base para a criação de leis segregacionistas e mesmo da perseguição a grupos e nacionalidades minoritárias (às vezes nem tanto minoritárias) em vários países, das quais as mais conhecidas foram as Leis Jim Crow nos EUA e do Apartheid na África do Sul.

Antes de falar dessas, ressalto que no Brasil, apesar de não ter sido aprovada ou outorgada nenhuma lei de segregação racial, após a libertação dos escravos em 1888, os antigos escravos, em sua maioria agricultores, da noite para o dia se tornaram desempregados. Transformaram-se em sua maioria em exército de mão de obra barata do jovem e nascente proletariado urbano brasileiro. Essa herança da escravidão ficou incutida na memória e na realidade de gerações, alimentando o estereótipo da ideologia do racismo e da existência de raças humanas até os dias de hoje.

As Leis Jim Crow[1] foram leis locais e estaduais de segregação racial em estados do sul dos EUA, na região das grandes fazendas de monoculturas (plantation) e que formaram o exército dos Confederados, derrotado na Guerra Civil.

Estas leis dividiam as escolas para brancos e para negros, determinavam bares e locais públicos segregados, bebedouros separados, proibiam casamentos inter-raciais, separavam assentos nos ônibus etc.

Em 1954, a Suprema Corte decidiu pela inconstitucionalidade da segregação escolar, dando início à derrocada das leis segregacionistas e aos espetaculares movimentos pelos direitos civis que mobilizaram milhões nos EUA pelos 15 anos seguintes.

Na África do Sul, as leis do Apartheid[2] (separação, na língua africânder) foram um conjunto de leis de segregação implantadas a partir de 1948.

Em 1962, a ONU juntamente com diversos países transformam a África do Sul num dos países mais isolados do mundo. Em 1963, Mandela, líder do Congresso Nacional Africano (CNA), que optou pela luta armada contra o regime, é preso e condenado a prisão perpétua.

É nesta luta que surge o gigante Estephen Bantu Biko, militante antiapartheid desde muito jovem que se formou médico e fundou o Movimento Consciência Negra (BCM na sigla em inglês), sendo seu principal dirigente. Em 1970, tornou-se um dos principais líderes do movimento contra o Apartheid, sendo eleito em 1972 presidente honorário da maior organização de frente única dos negros na África do Sul, a Convenção do Povo Negro. Em 1973, Biko foi "banido" pelo regime, o que significou uma série de imposições à sua liberdade.

Apesar dessas imensas restrições, Biko e o BCM desempenharam um papel significativo na organização dos protestos que culminaram com a Revolta de Soweto de 16 de junho de 1976, que despertaram a solidariedade e a inspiração de luta contra o regime em todo o mundo.

Em 18 de agosto de 1977, Biko foi preso em uma barreira policial, interrogado e barbaramente torturado, levando à sua morte em 11 de setembro de 1977.

Além da coragem e do desprendimento, o fundamental legado de Biko foi a compreensão da umbilical ligação entre o Apharteid e o capitalismo, portanto, do racismo e do capitalismo.

Essas duas frases sintetizam os conceitos de Biko: "*O racismo não implica apenas a exclusão de uma raça por outra - ele sempre pressupõe que a exclusão se faz para fins de dominação*" e "*Racismo e capitalismo são faces da mesma moeda*".

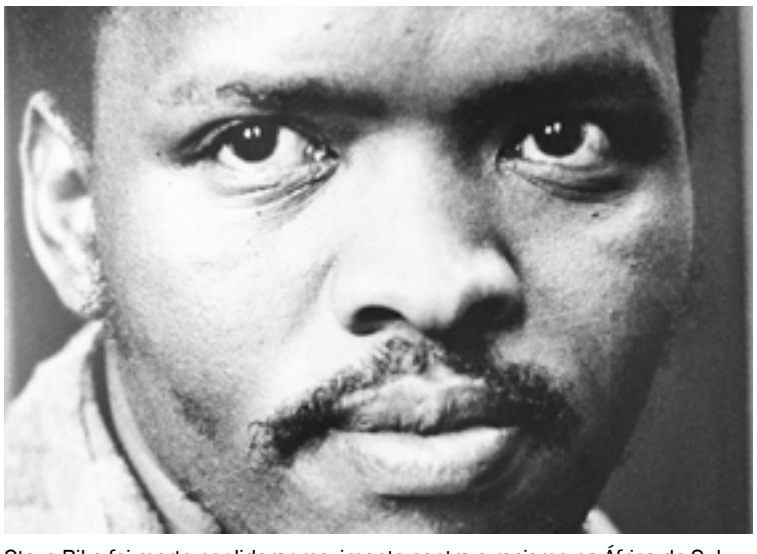
A crença, mesmo que subjetiva, na existência de raças humanas continua sendo a base fundamental do racismo e é nosso dever combater cotidianamente essa crença. A luta contra o racismo é uma luta de todos, independentemente da cor da pele, pois o racismo que atinge brutalmente os negros faz parte do arcabouço de ideologias repugnantes do capitalismo para dividir e explorar mais a todos. Temos a certeza e a segurança de que quanto mais igualdade, menos racismo e só uma sociedade igualitária e fraterna poderá varrer de vez essas ideologias e seu moribundo sistema de desigualdades.

Viva o Dia da Consciência Negra, Viva Zumbi!

Viva Steve Biko!

Lutar por Igualdade, Lutar contra o racismo, Lutar pelo Socialismo!

Levante de Soweto, um dos símbolos contra o Apartheid, teve contribuição significativa de Steve Biko


Steve Biko foi morto por liderar movimento contra o racismo na África do Sul

---

[1] A expressão "Jim Crow" provavelmente originou-se da canção "Jump Jim Crow", cantada e dançada pelo ator Thomas D. Rice com maquiagem blackface, caricaturando os negros. A canção foi lançada em 1832 e era usada para satirizar as políticas populistas de Andrew Jackson. Em consequência da fama de Rice, "Jim Crow" tornou-se, em 1838, uma forma pejorativa de se referir aos negros. No fim do século 19, quando as legislaturas sulistas aprovaram leis de segregação racial dirigidas contra os negros, essas leis ficaram conhecidas como Jim Crow laws ("leis Jim Crow").

[2] A nova legislação dividia os habitantes em grupos raciais ("negros", "brancos", "de cor" e "indianos"), segregando as áreas residenciais, muitas vezes através de remoções forçadas. A partir de finais da década de 1970, os negros foram privados de sua cidadania, tornando-se legalmente cidadãos de uma das dez pátrias tribais autônomas chamadas de bantustões. Nessa altura, o governo já havia segregado a saúde, a educação e outros serviços públicos, fornecendo aos negros serviços inferiores aos dos brancos.

INTERNACIONAL

Manifestações espontâneas contra Trump se espalham pelos Estados Unidos da América

ARTHUR PENNA
thurpena@gmail.com

Se a opção "não votou" fosse um dos candidatos da última eleição presidencial americana, teria vencido com folga em 44 dos 51 estados do país. Hillary Clinton, a democrata vencida, ganharia em apenas quatro, enquanto Trump, o republicano vencedor, levaria míseros dois! Isso dá uma dimensão da enorme desmoralização do sistema "democrático" no país, no qual nenhuma das opções é vista como alternativa real pelos trabalhadores.

Contudo, embora viessem da mesma classe social, as imagens que os dois oponentes lançavam ao público eram bastante diferentes. Se Hillary representava uma candidatura típica do sistema, com seu discurso calculado e monótono, Trump, o vencedor, encarna os valores da direita mais raivosa, não adepta do politicamente correto e que é potencialmente perigosa para a própria burguesia. Portanto, a vitória do bilionário bonachão e brucutu no colégio eleitoral despertou ondas de choque de cima a baixo na sociedade americana.

Manifestação anti-Trump em Nova York, uma das várias ocorridas nos EUA

Mas, naturalmente, os capitalistas americanos esperam disciplinar seu novo chefe de estado. Afinal, apesar de todas as bobagens ditas, ele é prata da casa! A verdadeira rejeição a Trump vem principalmente da juventude do país, o setor que mais rejeitou e combateu as declarações xenofóbicas, machistas e islamofóbicas tão frequentes em sua campanha. Por todo o país, estudantes universitários e até mesmo jovens secundaristas tomaram as ruas para manifestar sua repulsa pelo novo presidente.

No condado de Montgomery, estado de Maryland, que concentra grande população de imigrantes e descendentes, cerca de 800 estudantes da Blair High School tomaram as ruas da cidade de Silver Springs para se manifestar contra a vitória de Trump. Pouco depois, sem qualquer contato ou coordenação, os alunos de diferentes escolas no outro extremo do país, na cidade de Oakland, Califórnia, fizeram o mesmo. Muitos outros protestos estudantis foram vistos pelo país, principalmente nos grandes centros urbanos, onde a rejeição ao republicano é maior.

Além disso, na cidade de Nova York, protestos ocorrem diariamente diante da suntuosa Trump Tower, atual residência do bilionário. Cada vez mais pessoas se reúnem em frente ao prédio, onde Trump mora em uma cobertura de três andares, para demonstrar sua repulsa ao novo presidente. E como se não bastasse, uma enorme manifestação já está marcada para ocorrer no dia da posse em plena Washington.

Longe de ser o problema, Trump é apenas um dos sintomas mais amargos da crise do capitalismo. Por toda parte os agentes da burguesia começam a fugir do controle do establishment, passando a ecoar a voz dos setores mais nervosos da própria classe dominante, que passa a ter mais influência diante da crescente polarização social que se vê no mundo inteiro. Para os trabalhadores nos EUA e no resto do mundo, resta apenas lutar pela construção de uma outra sociedade, única alternativa para combater Trump e seus equivalentes ao redor do mundo.

NACIONAL

A crise no Rio – origens e situação atual

RIOBALDO TARTARANA
jornal@marxismo.org.br

Milhares de servidores se insurgem contra o pacote de Pezão, governador do Rio. A Assembleia Legislativa foi invadida uma vez e, no dia 16, dois soldados do Batalhão de Choque abandonaram as armas e escudos e passaram para o lado dos manifestantes. Como se chegou a isso?

O pacote de Pezão tem de tudo – fechamento de restaurantes populares, redução de salário de servidores, aumento da contribuição previdenciária etc. Tudo atingindo "os de baixo" e deixando "os de cima" intocáveis. A crise aumenta mais quando dois ex-governadores (Garotinho e Sérgio Cabral) são presos por corrupção. No caso de Sérgio Cabral, os valores anunciados chegam a R$ 250 milhões, mais do que seria economizado com o fechamento dos restaurantes populares.

Mas a crise tem valores bem maiores, da ordem de bilhões de reais. E começa com duas decisões: a distribuição indiscriminada de isenções fiscais, que vão de fábricas, empresas de ônibus e concessionárias de estradas e chegam a joalherias e até puteiros de luxo (termas). A podridão do governo burguês do PMDB vai de restaurantes de luxo em Paris às termas dos amigos de Cabral. A outra decisão é a "securitização da dívida".

Explicando: para financiar o RioPrevidência, criado a partir da Reforma da Previdência de Lula, o governo do estado destinou ao seu caixa os valores do royalties de petróleo. Como todos os servidores foram transferidos para este instituto, foi necessário capitalizá-lo. Isso foi feito através de um empréstimo externo onde o estado deu como pagamento todos os royalties de petróleo até 2021. Foram três empréstimos, naquele esquema em que caíram os valores do petróleo e tudo foi refinanciado. Assim, os valores são depositados diretamente nos EUA ao banco que concedeu o empréstimo.

Agência Brasil

Servidores enfrentaram dura repressão para barrar ataques do governador

Agora, o governo federal quer votar uma lei com mais garantias aos credores, para permitir novos empréstimos. É evidente que a revolta perpassa todos no estado que viram as obras da Copa e das Olimpíadas inacabadas, que veem o estado arruinado, que veem a falta de vergonha de empresários, governantes e deputados.

Somente um governo socialista que exproprie sem indenização todas as empresas que receberam incentivos, que confisque a propriedade de todos os donos de empresas e "políticos" que enriqueceram com este esquema, pode abrir caminho para uma saída positiva à crise atual.

JUVENTUDE

PREPARAÇÃO PARA O ACAMPAMENTO REVOLUCIONÁRIO da LIBERDADE e LUTA

26 A 29 DE JANEIRO DE 2017

EVANDRO COLZANI
evandrocolzani@gmail.com

Instabilidade é a palavra que melhor descreve o ano de 2016, e é nesse contexto que ocorre a preparação do primeiro Acampamento Revolucionário da Liberdade e Luta, que se realizará entre os dias 26 e 29 de janeiro de 2017, em Florianópolis, capital de Santa Catarina. Na escola Herondina Medeiros Zeferino.

As delegações ao Acampamento se constroem na luta contra a Reforma do Ensino e a PEC 55, lutando junto aos estudantes e apontando a necessidade da organização e da luta contra o conjunto do sistema.

No Paraná, estivemos nos atos, ocupações, assembleias e organizamos debates para denunciar os ataques que representam a MP 746. De maneira semelhante atuam os membros da LL em Recife, onde as ocupações seguem ampliando. Na cidade de Joinville, em Santa Catarina, os militantes da LL estão presentes nas diversas lutas cotidianas dos jovens através da União Joinvilense dos Estudantes Secundaristas (Ujes). Em cada um desses combates locais, colocamos a necessidade de um movimento de massas e de uma greve nacional da educação para derrotar os ataques do governo e do Congresso Nacional.

Delegações se preparam também nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Amazonas, Distrito Federal, Bahia, Minas Gerais, Ceará, entre outros.

Para arrecadar dinheiro para o transporte até Florianópolis e a inscrição, várias atividades estão sendo realizadas em cada local: festas, churrascos, brechós, rifas, venda de trufas, pedágio, pedidos de contribuição nas salas de aula.

Neste Acampamento, serão quatro dias de discussões políticas, de confraternização entre jovens de diversos estados brasileiros e de outros países. Apresentações culturais que intercalarão os debates e um luau na Praia dos Ingleses. Será um belo espaço para aprender e compartilhar experiências.

Inscreva-se no Acampamento da LL (www.facebook.com/SouLiberdadeeLuta). Entre em contato conosco (contato@liberdadeeluta.org) para prepararmos juntos essa atividade de extrema importância para nos prepararmos para os grandes combates que nos aguardam em 2017.

Cris Borges, Itatiba – SP

Decidi ir para o Acampamento Revolucionário da Liberdade e Luta para me apropriar do debate das lutas nas universidades. Como sou estudante de instituição privada, tenho acompanhado de perto toda dificuldade da organização e mobilização dos movimentos estudantis dentro desses lugares, e também da defesa de pautas como universidade pública, gratuita e para todos.

Luiz Devegili, Florianópolis – SC

É importante que a juventude tenha essa oportunidade de formação e organização política. Fui ao último Acampamento Revolucionário e presenciei um espaço de discussão muito rico, e conheci vários jovens de todo o Brasil com vontade de mudar a sociedade. E vou novamente agora. Vale a pena ir!

Laís Francisconi, Curitiba – PR

Participei da edição passada, e foi uma excelente troca de conhecimento e experiência, tanto com a juventude que é a protagonista, mas também com militantes mais experientes.

Eduardo Berndt, São Paulo – SP

Eu já participei este ano e vou mais uma vez. É muito construtivo, tanto para uma noção nacional das lutas, quanto pra ganhar novos conhecimentos, com as atividades de formação política. Conhecer pessoas de diferentes locais com a mesma disposição pra construir a luta é sempre enriquecedor!

Lucy Dias, São Paulo – SP

Eu vou pro Acampamento da Liberdade e Luta porque será muito lindo reencontrar companheiros de luta de outros estados e países, além de conhecer as carinhas novas que se aproximaram das lutas que essa jovem organização já impulsionou e trocar experiências com vários estudantes de outras universidades privadas na luta pela redução das mensalidades!

Jonathan Vitorio, Joinville – SC

Eu vou para o acampamento por ser um local onde vários jovens irão compartilhar conhecimentos e discutir como organizar a juventude. No ano de 2016 fui convidado para o acampamento e não pude ir, mas em 2017 irei com certeza. Neste ano participei de muitas mobilizações e tenho certeza que é necessário construir uma organização que atenda aos anseios dos jovens de hoje.

Rafael Vinicius, Recife – PE

Atualmente a classe trabalhadora vem sofrendo grande ataques, em especial a juventude. Os vários cortes nos setores essenciais acabam gerando grandes levantes e revoltas estudantis. Vejo no Acampamento Revolucionário um meio de organizar, aprender e conseguir alternativas concretas para que possamos ajudar um mundo novo a nascer.

Eu vou para o acampamento, por ser um ótimo lugar para aprender mais e me divertir. Terá pessoas que sabem mais do que eu e podem me ensinar, e pessoas que sabem menos, que podem aprender comigo. Essa troca de conhecimentos faz a gente criar experiências, vários amigos novos e ainda temos a sorte festejar com nossos camaradas.

Gabriela Fernandes, Joinville – SC

INSCREVA-SE: facebook.com/SouLiberdadeELuta